

EAE 106

Prof. JUARez Rizzieri

EDIÇÕES MULTIPLIC
Vol. 2, N.º 3, Dezembro 1981

A VIDA ENTRE OS ECON *

Axel Leijonhufvud

A tribo dos Econ domina um amplo território, no longínquo Norte. Ao visitante que o percorre, a duras penas, com o seu trenó, o solo parece frio e melancólico. Os Econ, no entanto, após longo período de adaptação, aprenderam a viver naquelas plagas. Prendem-se com genuíno amor e até com certo arrebatamento ao solo herdado de seus antepassados e criam os filhos fazendo com que desprezem a vida mansa nas terras mais quentes ocupadas pelos vizinhos, sobretudo os Polcis e os Sociogs. ** Embora as tribos tenham uma origem comum, são delicadas as relações

* Nota do Editor do *Western Economic Journal*: Considerando que muitos dos nossos jovens leitores (com o idealismo que caracteriza a mocidade de hoje) pretendem dedicar-se a uma carreira meritória, passando a viver e a trabalhar entre os Econ, o Editor imaginou desejável convidar algum Econologista de renome a escrever um relato acerca dessa tribo de que tão pouco se conhece. Diligentes esforços culminaram com a localização do Dr. Leijonhufvud, candidato quase perfeito para a execução da tarefa. Com efeito, o Dr. Leijonhufvud foi exilado, há aproximadamente uma década, vendo-se condenado a morar em uma das vilas periféricas dos Econ (Ucla). Ali passou a residir permanentemente e, a par disso, conseguiu o título de ancião – embora o Editor desconheça, descontada a sua barba grisalha, os motivos que o teriam tornado merecedor do galardão.

** Nota do tradutor: O leitor perceberá que se faz alusão aos estudiosos de Ciências Políticas (polcis: "political science") e de Sociologia (Sociogs: "sociologists"). No que segue, surgem

Original: "Life Among the Econ"

Western Economic Journal (September 1973), pp. 327-37.

Reprinted by courtesy of the Western Economic Association.

Tradução: Leônidas H. B. Hegenberg.

Nota do Editor: Agradeço a Ralph M. Zerkowski pela sugestão deste texto.

entre elas. A desconfiança e o desdém com que o Econ mediano encara seus vizinhos é ardorosamente retribuída por eles — que também não morrem de amores pelos Econ. As relações sociais entre as tribos acham-se bloqueadas por numerosos abusos. O extremado espírito de clã (para não dizer xenofobia) dos Econ torna dura a vida em sua tribo — e a torna um tanto perigosa para os estrangeiros. Essa é, provavelmente, uma das razões que impediu, até hoje, sistemático estudo dos Econ. As informações de que dispomos a respeito da estrutura social da tribo e da maneira de vida dos Econ são fragmentárias e não muito fidedignas. Impõe-se, urgentemente, pesquisar mais a fundo essa tribo interessante.

Casta e status

A informação disponível atesta que, para povo tão primitivo, a estrutura social é, de fato, bem complexa. As duas dimensões fundamentais da sua estrutura social são as de casta e de status. A divisão básica da tribo se faz, aparentemente, em termos de castas; no seio de cada casta encontramos uma complicada rede de relações de status.

Aspecto extremamente interessante do status, entre os Econ, é o de que as relações correspondentes — se pudermos verificá-lo — não se distribuem, como seria de esperar, em uma hierarquia simples de “ordem de dominância”. Ilustrando, é perfeitamente possível constatar que A domina B e que B domina C, mas que, ao mesmo tempo, C domina A! Essa não-transitividade do status explicaria a contínua luta em que se envolvem os Econ — luta que torna a sua vida social tão singularmente insuportável para os visitantes. Quase todos os relatos feitos por turistas que visitam os Econ registram que são “uma raça briguenta” em que é normal, “pelas costas, criticar os semelhantes”. A coesão social mantém-se, ao que parece, pela uniformidade da desconfiança com que os estranhos são encarados. Nas sociedades em que vige uma relação transitiva de dominância, por outro lado, é comum apresentar-se um estado de equilíbrio no qual a dominância real quase desaparece. A irregularidade pouco civilizada que se observa entre os Econ gera um enigma cuja resolução pede alta prioridade, nas investigações Econológicas da atualidade.

Outras abreviações sugestivas, como “deps” (departamento) e “modls” (modelos). Está claro que “Econ” abrevia “Economia” ou “Economistas”.

Nota do tradutor: No original, “a simple hierarchical pecking-order”. Faz-se alusão, como alusão, à “bicada” — pela qual se estabelece, nos galinheiros, uma ordem de dominância de um animal sobre os demais, responsável pela formação de uma hierarquia dos animais que vivem juntos. A idéia foi generalizada e passou a indicar variados gêneros de “prevalência” ou de “superioridade” de um indivíduo sobre outros.

Aquilo que, a um primeiro olhar, pode parecer nova complicação — a impedir melhor conhecimento da tribo dos Econ — surgirá, talvez, em última análise, como indício vital para a resolução desse problema teórico. A dominância entre castas, de acordo com as opiniões tradicionais, não deve manifestar-se — embora essa regra admita exceções. Elementos de castas elevadas dominam, com certa frequência, os integrantes de castas mais baixas. Embora esse comportamento seja de gosto questionável, não está, porém, sujeito a sanções formais. Todavia, corre alguns riscos bem mais concretos o elemento de casta baixa que tenta dominar alguém de casta mais elevada; esse elemento poderá, em casos extremos, ver-se colocado no ostracismo, perdendo o privilégio de manifestar-se nas periódicas reuniões tribais.

A fim de realçar a relevância dessa observação, mais algumas coisas precisam ser ditas a respeito da casta e do status na tribo. Na linguagem dos Econ, a palavra “campo” traduz a idéia de casta. A casta é de grande importância para a imagem que um Econ faz de si mesmo e para o seu senso de identidade; um Econ adulto, apresentando-se a um estranho, dirá sempre que “Tal e qual é o meu campo”. A raiz portuguesa desse termo é curiosa, dada a normal aversão que o Econ manifesta pelo português comum. As palavras portuguesas que ingressaram na linguagem Econ são empregadas, de hábito, com sentidos que não teríamos condições de reconhecer. Nesse caso, por exemplo, a conotação territorial de “campo” é inteiramente enganadora, já que as castas não vivem separadas. A unidade social básica é a vila, ou o “dep”. Os deps dos Econ sempre abrangem elementos de vários “campos”. Em alguns casos, quase todas as castas podem ter seu representante em um dado dep.

Comparando relações de status, nos diversos “campos”, nota-se que admitem um definido padrão comum. O traço típico — a tornar de especial interesse o estudo sério das relações de status — é o modo pelo qual o status se associa à manufatura de certos tipos de implementos, chamados “modls”. O status do Econ adulto é determinado pela sua habilidade na fabricação de “modls” de seu “campo”. A abjeta pobreza cultural e o atraso da tribo são explicáveis, provavelmente, em função dos fatos seguintes: (a) os Econ são altamente motivados pelo status; (b) o status só é alcançado pela produção de “modls”; e (c) quase todos esses “modls”, ao que parece, têm pouco ou nenhum emprego prático. Os dois traços, ou seja, a íntima ligação entre os status na tribo e a fabricação de modls e, paralelamente, a tendência de produção de modls que possuem mais valor cerimonial do que prático, apresentam-se, a par disso, como desenvolvimentos recentes — o que tem levado muitos estudiosos a expressar pessimismo no que concerne à viabilidade da cultura Econ.

Não se sabe ao certo o que aconteceu em tempos idos; o fato é que,

agora, os "campos" dos Econ não se distribuem, aparentemente, numa ordem hierárquica rígida. Aí estará, talvez, o indício que permitirá resolver o problema da não-transitividade do status individual. Em primeiro lugar, a ordenação de duas castas ficará, algumas vezes, indeterminada. Embora os Micro assegurem sua superioridade sobre os Macro, estes também asseguram superioridade sobre aqueles e existem outros grupos cuja opinião oscila ou, pelo menos, deixa de ser unânime, diante da questão. Segue-se, pois, que o prestígio percebido, de uma casta sobre a outra, é uma relação não reflexiva. Em certos casos, porém, a hierarquia se põe bastante clara. A casta dos prelados (os Econ-Mat), por exemplo, constitui "campo" mais elevado, posto acima tanto do campo dos Micro quanto do campo dos Macro; em oposição, a casta dos Desenv está definitivamente colocada em posto inferior. Em segundo lugar, sabemos que essa hierarquização de castas (quando chega a ser feita) não é definitiva, mas varia com o tempo. Há evidências, por exemplo, a atestar que é relativamente recente, historicamente falando, o fenômeno de colocação dos Econ-Mat no topo da escala e de colocação dos Desenv nos níveis mais baixos. A ascensão dos Econ-Mat parece associar-se à tendência (anteriormente assinalada) que os Econ manifestam de elaborar modls de caráter ornamental, ou cerimonial; em comparação, o nível baixo ocupado pelos Desenv justifica-se graças ao fato de que essa casta não tem respeitado, nos últimos anos, os tabus que impediriam o contato com Polcis, Sociogs e as demais tribos. Alguns Econs mostram-se muito aprensivos, achando que esse desrespeito põe em cheque a fibra moral da tribo — suspeitando, inclusive, que os Desenv tenham desistido da elaboração de modls.

Se a não-transitividade do status dos Econ parece anômala, a um primeiro olhar, aí está, pelo menos, um fenômeno que encontra paralelos conhecidos. (1) Pode dar-se que o observado, entre os Econ, seja apenas a decadência de uma estrutura social outrora bem ordenada em que havia firme hierarquização de castas e, no seio de cada casta, uma ordenação indiscutivelmente transitiva do status.

(1) Ver, por exemplo, as observações relativas ao sistema jajmani, na Índia, que se encontram no livro De Manning Nash, *Primitive and Peasant Economic Systems* (Scranton, Pa., 1966, pp. 93 e ss., partic. p. 94): "Exemplificando, os ferreiros dão serviços poluidores aos oleiros; estes recebem poluição de pastores que, por sua vez, empurram os serviços poluentes aos ferreiros. Nessa troca de interação ritualmente crucial, os ferreiros julgam-se superiores aos oleiros, mas inferiores aos pastores; mas os pastores estão abaixo dos oleiros, embora acima da casta dos ferreiros". Precisamente.

Grads, Adultos e Anciãos

Os Econ mais jovens, ou "grads", não são considerados adultos enquanto não hajam elaborado um "modl" que revele certa capacidade artesana aceitável aos olhos dos anciãos do "dep" em que aqueles jovens atuaram como aprendizes. A maturidade é conferida em uma complicada cerimônia, cujas peculiaridades variam de vila para vila. A prática não é clara em algumas vilas menores, e ainda, nas mais importantes o jovem adulto precisa demonstrar, continuamente, sua habilidade — fabricando novos artefatos. Se não demonstra habilidade, é expulso do "dep", vendo-se condenado a perecer nas estepes desertas.

Esse procedimento pode parecer desumano e cruel, mas os Econ entendem como rito de virilidade, sancionado pela tradição, defendendo-o com vigor, porque é vital para a força e o bem estar dos dep. Se a vida é difícil para os jovens, os Econ revelam sua compaixão pela maneira como cuidam dos anciãos. Uma vez transformada em ancião, a pessoa nada mais precisa fazer — e sempre merecerá cuidados carinhosos da tribo.

Totens e estrutura social

Embora a palavra "modl" indique, basicamente, um implemento concreto, a consideração do termo exclusivamente por esse prisma impedirá que o estudioso perceba aspectos fundamentais da estrutura social dos Econ. Em verdade, "modl" evoluiu, para transformar-se em conceito abstrato que domina o modo pelo qual os Econ entendem virtualmente todas as relações sociais — sejam elas relações para outras tribos, sejam elas relações para com outras castas, sejam elas relações de status nas próprias castas. Assim, ao explicar, p. ex., a um estranho porque despreza os Sociogs e os Polcis, o Econ limitar-se-á a dizer que "eles não elaboram modls" — encerrando aí a questão.

O importante papel do "modl" será talvez melhor entendido considerando os estudos (lamentavelmente incompletos) a propósito das relações entre as duas maiores castas dos Econ, os "Micro" e os "Macro". Cada casta possui um modl básico, de configuração simples; os vários modls elaborados pelos indivíduos não passam de variações em torno do tema fixado pelo modl básico da casta. Nota-se, além disso, que os Econ definem as relações sociais — nesse caso entre duas castas — em termos de seus respectivos modls. Indagando-se, p. ex., a um Micro-Econ, porque os Micro não se casam com pessoas da casta dos Macro, ele responderá: "Porque elas constroem um modl diverso do nosso" ou "Porque elas não conhecem o modl dos Micro" (Observe-se que o Micro está correto; todavia, ressalte-se que ele também não conhece o modl dos Macro).

Muitos estudiosos comentaram que é praticamente impossível obter de um elemento de certo "campo", uma explicação coerente e inteligente dos fatores que distinguem a sua casta de outras castas; a explicação, em última análise, se reduz sempre à mera asseveração de que os modls são diversos. Conquanto seja preciso, indubitavelmente, pesquisar mais a fundo a questão, o fato parece dar considerável apoio à tese dos que se referem ao modl básico em termos de totem da casta. Cumpre notar que a dificuldade de iluminar o controvertido problema não deflui de qualquer tabu contra a discussão da casta com estranhos. O Econ não se mostra reticente quando aborda a questão; ao contrário, debate-a prazerosamente. A dificuldade está em que esse debate se apresenta quase inteiramente nas roupagens de expressões que traduzem os mais elementares preconceitos de casta. (2)

Para os menos avisados, os totens das castas principais parecem quase idênticos. Mas a grande significação social que os Econ associam às pequenas diferenças entre os totens transformou a Econografia (ou seja, o estudo das artes e ofícios dos Econ) em campo nuclear da moderna Econologia. Para ilustrar o ponto em tela, considerem-se os totens dos Micro e dos Macro. Ambos poderiam ser aproximadamente representados por duas varas entalhadas, presas ao meio, formando um par de tesouras (Cf. a Figura 1).

Figura 1-A

Totem dos Micro

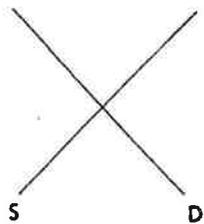
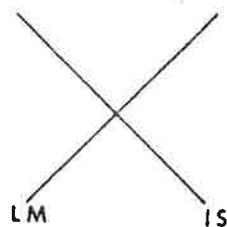


Figura 1-B

Totem dos Macro



(2) Essa observação não é nova. Está registrada, por exemplo, nas *Voyages*, de Maçhluypp – no relato a propósito da "Viagem de H. M. S. Semantick à costa da Econlândia".

Certas cerimônias associadas a estes totens nos são de grande interesse em virtude das indicações que fornecem sobre a origem da elaboração de modls entre os Econ. Infelizmente, temos apenas relatos fragmentários de alguns visitantes sobre estas cerimônias e das interpretações sobre o que viram. Deste modo, relatos destes destreinados observadores estão sempre em conflito. Aqui, um estudo sistemático é bastante necessário.

A seguinte esquemática descrição da cerimônia de "prospecção", entre os Macro, traz à tona vários enigmas que deixam perplexos, na atualidade, os Econologistas que trabalham nessa área:

O ancião segura a vara LM com a mão esquerda e a vara IS com a mão direita. Mantendo o totem à sua frente, com os cotovelos ligeiramente inclinados, ele anda em linha reta pelo terreno escolhido – "sem desviar-se para a direita ou para a esquerda", de acordo com o ritual. (3) Os grads da vila gritam contentes à sua volta, mas silenciam à medida que a jornada se alonga e se torna fatigante. Nesse momento – após muitas horas de caminhada e depois de atravessar terrenos difíceis. . . – os grads, colocando-se em longa e morosa fila, andam atrás do líder que, com suor na testa e determinação no semblante, tropeçando nos obstáculos, segue a sua trajetória. . . Por fim, o totem vibra e passa a oscilar com mais força até que, tremulamente, aponta para o solo. O ancião espera que os grads se reúnam em volta dele para proclamar, em tom solene: "Contemplem a Verdade e o Poder dos Macro".

Considerando uma explicação desse gênero, torna-se claro porque a tese principal da Escola "Implementarista" haveria de tornar-se controvertida. Essa influente Escola Econográfica sustenta que a arte de elaboração de modls tem raízes históricas na preparação de ferramentas e "implementos" úteis; e sustenta que as cerimônias do tipo descrito refletem, em forma de ritos, os reais empregos outrora dados a tais implementos.

Embora a hipótese "Implementarista" possa parecer fantasiosa, ela

(3)

O mesmo palavreado surge no correspondente Micro-ritual. Consta que os Macro desdenham a exploração que os Micro fazem, asseverando que eles "não podem deixar de contemplar tudo pela direita". Defendendo-se, os Micro afirmam que os Macro "tudo vêem pela esquerda". Ninguém apresentou, até o momento, uma hipótese aceitável para explicar esse particular tipo de controvérsia litúrgica. É possível que as explanações extremadas sejam impróprias e que o fato deva ser acolhido simplesmente como novo exemplo banal das constantes alterações entre os Econ.

não deve ser abandonada sem mais ponderações. Saber se o modl dos Macro pode ser encarado, originariamente, como um "implemento útil", é algo que depende, aparentemente, de saber se a "prospecção" ritualizada na cerimônia descrita produz resultados reais. Os Macro sustentam que são capazes de localizar minas de ouro com aquele procedimento. Alguns viajantes e estudiosos apoiam a idéia; outros a rejeitam, afirmando que isso não passa de folclore. As questões são similares às que se associam aos procedimentos de localização de água por meio de varas mágicas. Muitas pessoas afirmam que esses procedimentos dão bons resultados — embora explicações científicas para tais resultados nunca tenham sido formuladas.

Algumas testemunhas oculares, aparentemente dignas de crédito, atestam, de fato, que os Macro encontraram, realmente, o ouro almejado. Embora não contestem a veracidade de todos os relatos feitos, os críticos céticos asseveram que é preciso eliminar, desses relatos, boa dose de exagero. Diz-se, por exemplo, que a palavra correspondente, na língua dos Econ, ao nosso vocábulo "ouro", alude a qualquer mineral amarelado, mesmo inteiramente destituído de valor. Alguns ecnologistas sustentam, além disso, que a cerimônia de prospecção raramente se realiza (se é que chega a ser realizada) em solo desconhecido, de modo que o relato feito pelas testemunhas oculares não passa, portanto, de descrição da "descoberta" de veios que, na verdade, já eram conhecidos pelos Macro, há muitas gerações.

Cabe indagar porque a prática sobrevive, se, a rigor, nada significa. A resposta é simples e não será nova para quem já se familiarizou com outros estudos de sistemas-de-crenças de povos primitivos. Tem-se notícias de casos em que a cerimônia deixou de produzir resultados concretos. Se isso acontece, os Macro tomam uma de duas posições. Acusarão o membro que realiza a cerimônia, asseverando que deixou de seguir o ritual, olvidando este ou aquele pormenor, ou, alternativamente, defenderão a idéia de que o ouro está no local indicado, faltando, apenas, cavar mais fundo para encontrá-lo. (4)

(4)

Esta última racionalização é mais satisfatória, já que deita a culpa em outra casta — a dos O'Maitres ou O'Metrs (a grafia tem variado), que efetuam o trabalho de escavação tanto para os Macro quanto para os Micro.

A casta "escavadora" é de especial interesse para aqueles que se preocupam com o subdesenvolvimento dos Econ. Tradicionalmente, a mais baixa casta dos Econ, constituída pelos O'Metrs, estava autorizada a realizar apenas as tarefas manuais "sujas"; a par disso — o que é mais significativo, aos olhos dos Econ — a classe não possuía um totem próprio. Em anos recentes, porém, a industrialização foi implantada entre os Econ, graças aos trabalhos da casta dos O'Metrs. Livres de preconceitos (instilados através de uma educação que se concentrava na elaboração de modls e nas correspondentes crenças totêmicas), os O'Metrs empregaram, espontaneamente, a maquinaria moderna e se tornaram peritos, digamos, no manejo de pás e de moendas elétricas. A atitude do resto da tribo, diante desses intocáveis de outrora que hoje lideram a industrialização é, como de esperar, uma atitude em que se mesclam inveja e desprezo.

Seja qual for a posição escolhida, é bastante claro que "os fenômenos estão salvos", no sentido de que o papel do totem, no sistema de crenças adotado pela casta, continua intacto.

Mitos e modls

Diminuiu, nos últimos anos, o interesse pela questão de saber se alguns modls dos Econ "funcionam" ou deixam de "funcionar" — e em que sentido se diz "funcionarem". Essa diminuição de interesse não se deve ao fato do problema haver encontrado solução — ao contrário, parece justo afirmar que nossas dúvidas a respeito das respostas a dar às questões formuladas pelos implementaristas só fizeram aumentar. O interesse decresceu porque nossa perspectiva metodológica sofreu alterações, de modo que a questão implementarista, aos olhos de estudiosos de hoje deixou de produzir "boas" perguntas. A "Nova Econologia", como se sabe, acentua o Verstehen e, em vista disso, rejeita as tentativas de apreciar os sistemas de crenças dos Econ pelo prisma de critérios racionalistas trazidos da ciência natural. (5)

Tem-se tomado decididamente mais claro que os Econ associam certas crenças (para eles muito significativas) a cada modl — não importando o fato desse ser ou não encarado como "instrumento útil". Tem-se tornado particularmente claro, também, analisando a casta dos Econ-Mat, que se chega a becos sem saída quando se toma a "utilidade" como ponto de partida, ao tentar compreender a cultura totêmica desse povo.

Das castas dos Econ, a mais fascinante e, por certo, a mais colorida é a dos Econ-Mat. Presentemente, há considerável dose de incerteza a respeito da adequação do rótulo "prelado", a ser aplicado a essa casta; mas é fácil, pelo menos, entender porque os primeiros visitantes que andaram pela tribo julgaram apropriada a denominação. Ao lado da atitude de profundo respeito que o Econ mediano adota perante o Econ-Mat, nota-se que os próprios Econ-Mat exibem vários traços culturais que nos habituamos a associar, em outros povos às ordens ou seitas religiosas. Eles simulam uma pobreza que se mostra abjeta até mesmo segundo os padrões dos Econ e parece claro que assim agem por deliberação e não por necessidade. Consta que os Econ-Mat, para se tornarem mais rijos, aventuram-se periodicamente, a andar nus, enfrentando os frios ventos da abstração que varrem aquelas plagas. São, por isso, muito admirados pelos demais elementos da tribo que, de hábito, se envolvem em pesadas roupas de lã. Além disso, a glossolalia (a capacidade de dizer a mesma

(5)

The Savage Mind, de C. Levi-Strauss, deve ser mencionado, neste ponto, como livro essencial para todos os que desejam estudar a fundo o sistema de crenças dos Econ.

coisa em várias línguas diferentes) (6) é um talento altamente apreciado pelos Econ-Mat.

Os Econ-Mat fabricam peculiares modls, finamente esculpidos em ossos de leões marinhos. Segundo a opinião unânime dos especialistas em Econografia, os modls elaborados pelos grandes mestres (7) não tem rivais, seja quanto ao material empregado, seja quanto à capacidade artesanal revelada. Se alguns desses modls são "úteis" (e mesmo o testemunho dos Econ se divide nesse ponto), é claro que isso é mera coincidência, tendo em conta as razões que conduzem à sua fabricação.

Tem sido amplamente debatida, nos últimos anos, a questão de saber se certos modls dos Econ (e seus correspondentes sistemas de crenças) devem ser vistos em termos religiosos, em termos de mitologia e folclore, em termos filosóficos e "científicos" ou em termos de jogos esportivos. Cada uma dessas interpretações conta com seus advogados, entre os Econologistas de reputação, mas os debates não serviram para esclarecer a questão. O uso cerimonial dos modls (ver acima) e a riqueza da cultura geral dos Econ, no que respeita aos rituais, vêm sendo tomados, há muito, como evidência em favor da interpretação religiosa. Todavia, no dizer de um comentarista, "Se essas crenças são religiosas, trata-se, aparentemente, de uma religião sem fé". A interpretação religiosa esbarrou nessa contradição e, atualmente, não encontra muitos defensores. Mais interessantes são os argumentos daqueles que passaram a ver certos sistemas de crenças dos Econ em termos de especulação cosmológica e quase-científica. Ilustrando, considere-se a descrição, feita pela Sra. Robinson, do que ela denominou "Doutrina de K" — uma doutrina muito em voga entre os membros das influentes vilas de Charles River. A descrição lembra muito os debates dos antigos pensadores jônicos, preocupados em determinar se a matéria "básica" do universo seria a água, o ar ou o fogo. A doutrina de K assemelha-se muito, aliás, aos ensinamentos de Anaximandro. (8) Sabe-se, além disso, que em

(6)

Ou seja, em vários idiomas Mat. As línguas indo-européias, por exemplo, não contam.

(7)

O potencial coletor de dados Econográficos deveria saber que a maior parte das obras que hoje se encontram nos mercados são imitações preparadas por aprendizes. Não obstante, muitas dessas obras são esteticamente superiores, digamos, aos totens desgraciosamente entalhados dos Macro; e são, por certo, melhores do que os modelos desproporcionais, fabricados por máquinas hoje exportados pelos O'Metrs — que não têm tradição artística em que se apoiar.

(8)

Arthur Koestler sumaria, com justeza, em seu *The Sleepwalkers* (New York, 1968, pp. 22-23), os ensinamentos de Anaximandro: "O material bruto (do Universo) não é qualquer das familiares formas da matéria, mas uma substância destituída de propriedades definidas — salvo a de ser indestrutível e perene. De tal substância desenvolvem-se todas as coisas, e para ela todas retornam. Antes deste nosso mundo, infinitudes de outros existiram, dissolvendo-se, de novo, nessa

alguns de se prefere ensinar a "Doutrina de M". Não dispomos, até o momento, de uma clara visão dessa doutrina. Em verdade, pouco sabemos a respeito dela, a não ser que tem sido desdenhosamente recebida pelos Econ de Charles River — para os quais, aliás, talvez pareça uma heresia. Porta-vozes da concepção cosmológica defendem sua posição apontando para as semelhanças que existem entre a Econ-Mat e as idéias advogadas pela confraria dos pitagóricos. Segundo esses porta-vozes, os Econ-Mat guiam-se — conscientemente ou não — pelo antigo princípio de Pitágoras de acordo com o qual "A filosofia deve ser cultivada de modo que seus segredos fiquem reservados aos sábios, com treinamento em matemática".

A interpretação em termos de jogos esportivos ganhou certa projeção nos dias atuais, em vista de explicações dadas para as cerimônias de elaboração de modls na casta dos Intern. (9) Todavia, mesmo nesse caso é possível notar que a cerimônia — conquanto conserve, externamente, todos os aspectos de um jogo — adquire, para os participantes, algo do caráter de uma representação moral que, em seus elementos essenciais, dá forma à maneira básica dos Intern entenderem o mundo.

Os Econ e o futuro

Não estaríamos cumprindo nosso dever para com o povo Econ se encerrassemos este ligeiro comentário sem uma palavra a respeito do seu futuro. São sombrias as perspectivas. A cultura e a estrutura social dos Econ devem ser estudadas agora — antes que desapareçam para sempre. Uma simples lista, preparada sem maiores cuidados, contendo relação dos mais urgentes problemas enfrentados pelos Econ, assemelha-se a um verdadeiro catálogo atualizado de calamidades que assolavam os povos primitivos.

Os Econ são pobres — miseravelmente pobres, se descontarmos uma insignificante minoria. O índice de natalidade desse povo é um dos mais elevados de todo mundo. A terra é apreciavelmente rica, mas numerosos recursos naturais — que pertenciam aos Econ, por direito de nascença — foram vendidos a interesses estrangeiros a troco de nada. Muitos jovens estão-se voltando para o jogo e para outros

massa amorfa.

Se dignificássemos essa doutrina primitiva com um nome da terminologia moderna, teríamos de colocar Anaximandro na categoria dos "putty-putty, bang-bang".

(9)

Um observador coloca sua descrição da cerimônia, explicitamente, em termos de jogos de salão: "Cada jogador recebe duas nações, dois bens, dois fatores e uma assim chamada Caixa de Bowley. . .", etc., etc., comparando o jogo Intern, em termos de dificuldade intelectual, ao jogo de xadrez.

vícios. Em sua pobreza, não são nem mesmo afastados dos problemas das nações mais ricas. Os viajantes falam de vilas semi-mortas, enterradas no entulho dos modls não verificados; e falam dos estragos que a mineração aleatória dos O'Metrs vem provocando na paisagem pastoral de outrora. Diz-se mesmo que a famosa Boa Fonte de Inspiração está hoje inteiramente poluída.

Em meio a esses problemas, os Econ não deixam, contudo, de manter o orgulho e o espírito de luta. Ainda assim, parece que lhes falta uma "reação criativa" para enfrentar as suas dificuldades. Percebe-se claramente o que os aguarda, caso deixem de receber algum auxílio do exterior. Talvez caiba algum otimismo, relativamente ao problema da pobreza, admitindo-se que possa vir a ser superado. Conquanto o índice de crescimento populacional possa retroceder com o tempo, é pouco provável que a atual desintegração da cultura Econ seja bloqueada ou venha a sofrer reversão. Repete-se, aqui, a triste história do encontro dos povos primitivos com os "tempos modernos". A lista dos sintomas é longa e só mencionaremos alguns deles.

A organização política dos Econ está cada vez mais fraca. A unidade política básica ainda é o dep; o poder político, no dep, continua nas mãos do conselho de anciãos. Contudo, os alicerces desse poder dos mais velhos vêm, há algum tempo, se deteriorando. O respeito pelos anciãos deixou de ocupar um posto de destaque, entre os Econ tanto quanto entre os moços de outras plagas. Enfraqueceu a autoridade assentada na idade e na experiência; e o status reconhecido passou a associar-se, mais e mais, à perícia na elaboração de modls (Já foi observado acima que muitos anciãos permanecem inativos, no que concerne à elaboração de modls.). Embora os deps tenham reagido a esses desenvolvimentos dando o título de "ancião" a preparadores de modls freqüentemente muito jovens, fica ameaçada, assim, obviamente, aos olhos do povo Econ, a legitimidade da estrutura política — decrescendo, concomitantemente, as possibilidades de uma construtiva reação política diante dos problemas da tribo.

O Econ adulto estava habituado a considerar-se um elemento vitalício de seu Dep. Isso deixou de valer — a migração entre deps é extremamente corriqueira, nos dias de hoje e nem mesmo os anciãos de uma vila se imaginam, obrigatoriamente, na condição de membros vitalícios. Essa mobilidade poderá ajudá-los a enfrentar o problema da pobreza; não obstante, ela tende a enfraquecer ainda mais a organização política. A urbanização deve ser lembrada como questão correlata: muitas vilas são hoje, três ou quatro vezes maiores do que há apenas uma ou duas gerações passadas. Ocorrem vastas conturbações, com suas populações flutuantes e suas ineficientes e fracas aparelhagens políticas — e conhecemos bem os males sociais que uma tal combinação provoca.

Nessas circunstâncias, cabe esperar alienação, desorientação e uma

geral decadência dos valores espirituais. Isso, justamente, é o que encontramos. Típico fenômeno indicativo dessa ruptura é a perda do senso histórico e o crescente desprezo pela tradição. Contrariamente ao que acontece habitualmente, em sociedades primitivas, o clero Econ não mantém a história da tribo nem a ensina. Em algumas vilas Econ ainda se encontra, ocasionalmente, o ancião que cuida dos modls preparados por certos velhos heróis da tribo — sempre disposto a falar das lendas que a tais modls se associaram. Poucos, entretanto, são os adultos ou os grads que — notando o que consideram o artesanato primitivo dessas velhas relíquias empoeiradas — se mostram inclinados a ouvir esses inúteis contos-de-fadas. É raro achar-se, entre os moços de gerações mais novas, alguém que conheça a história dos Econ. Tendo perdido seu passado, os Econ não têm confiança no seu presente e enfrentam o futuro sem um propósito ou uma direção.

Alguns especialistas em econografia discordam desse retrato negro de desintegração cultural que acabamos de oferecer e acham que o presente é a era maior da Arte Econ. Em verdade, virtualmente todos os especialistas em econografia concordam em que a atual preparação de modls atingiu níveis estéticos nunca antes alcançados. Duvida-se, porém, que isso represente fonte de otimismo. Não é raro encontrar alguma forma específica de arte que floresce no período de decadência de uma cultura. É perfeitamente possível que a decadência da sociedade induza esse tipo de "deslocamento de atividade" cultural, manifesto em pessoas talentosas que desistiram de enfrentar o declínio de sua civilização. O sofisticado entalhe de modls, hoje observado entre os Econ, deve ser, provavelmente, encarado por esse prisma.